

Público

24-01-2022

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Pagina(s): 2,3

Marcelo, o ano do berbicacho?



Variação das sondagens abre novas perspectivas políticas que podem poupar uma intervenção do Presidente. Uma reviravolta eleitoral poderá confirmar o "virar de página" anunciado no discurso de Ano Novo

Nuno Ribeiro

assa hoje um ano da reeleição de Marcelo Rebelo de Sousa para a Presidência da República. Não foram 12 meses fâceis, bem longe do guião presidencial na declaração de vitória no âtrio da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. A situação agravou-se com o chumbo do Orçamento do Estado para 2022, apesar de todos os avisos de Belém das suas consequências, a dissolução do Parlamento, e da inoportunidade de somar uma crise política à pandemia e ão outras derivadas de emergência econômica. Será este o ano do berbicacho, temido e anunciado por Marcelo?

celo?

"Se os portugueses não dão maioria clara a ninguém será um berbicacho para o Presidente", admitiu em
Março o próprio ao PÜBLICO. Já no
discurso do Ano Novo, vieram palavras sobre o "virar de página" da crise pandémica, social e política. Foram
votos que as semanas seguintes não
confirmaram. À entrada da última
semana de campanha eleitoral, as
sondagens dão escassa vantagem ao

PS e ao primeiro-ministro António Costa, sobre o PSD de Rui Rio. Resultados que roçam a margem de erro e que apenas os últimos dias de arruadas e sessões, da política na rua, podem confirmar. Sobre a pandemia, o Presidente destacou o êxito da vacinação, mas terá sido, surpesendido pola virulên-

Sobre a pandemia, o Presidente destacou o éxito da vacinação, mas terá sido surpreendido pela virulência de contágio da variante Ómicron, depois de ter enunciado no último dia de Dezembro, na Costa de Caparica, que o país ia passar da pandemia à endemia. Apesar das palavras de prudência, em sentido de contrário dos especialistas. "A mensagem que temos de passar à população é de que a pandemia a indra não acabou", alerta a 29 de Outubro o pneumologista Carlos Roberto Cordeiro, do gabinete de crise da Ordem dos Médicos. A própria Organização Mundial da Saú de multiplica aos seus avisos de que a pandemia a indra está longe do final.

As vicissitudes deste ano decorridas do segundo mandato não permitiram cumprir a promessa de garantir o voto postal ou por correspondência numa promoção, por via da influência, da revisão das leis eleitorais cuja não execução, neste tempo eleitoral,

tem sido criticada.
"Tenho uma boa opinião global deste ano de novo mandato como do anterior, o Presidente da República tem sido um factor de estabilidade e moderação", afirma, ao PÚBLICO, o sociólogo António Barreto. "Em certos aspectos, a relação com o Governo e com o Parlamento tem sido exemplar", prossegue. "50 Deus sabe quando ele está de acordo com o executivo, mas tem dado ao Governo um suporte", acentua.
Contudo, o chumbo orçamental que Marcelo tentou evitar aconteceu. "Trabalho no cenário de o Orçamental no assar." disea a 22 de Gutubro.

Contudo, o chumbo orçamental que Marcelo tentou evitar aconteceu.
"Trabalho no cenário de o Orçamento passar", disse a 22 de Outubro, com a crise já em marcha, depois de um quase lancinante apelo nas escarias do Tate Britain, em Londres, na visita à exposição retrospectiva de Paula Rego: "Desejo e espero que o Orçamento do Estado passe."

"O tal berbicacho não é da responsabilidade dea láis também be saiu-

"O tal berbicacho não é da responsabilidade dele, aliás também lhe sai à perna a pandemia, a queda do Governo e a dissolução do Parlamento", enumera o sociólogo.

to", enumera o sociólogo.

"Há uma diferença entre esta dissolução do Parlamento e as anterioMarcelo Rebelo de Sousa fez o seu discurso de vitória na Faculdade de Direito, há um ano

res, pois foi provocada pelo chumbo do Orçamento do Estado por quem o viabilizara nos últimos seis anos", pondera o politólogo António Costa Pinto, investigador-coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. "A estratégia do Presidente da República foi ameaçar com a dissolução do Parlamento frente a um Governo minoritário que, entretanto, perdera os seus apoios parlamentares à esquerda", salienta. "Nessa perspectiva, o Presidente não tem responsabilidade", sintetiza.

Diferente das opiniões de António Barreto e Costa Pinto é a posção de André Freire, catedrático de Ciência de liste da Costa Pinto é a posção de André Freire, catedrático de Ciência

Diterente das opinioes de Antonio Barreto e Costa Pinto é a posição de André Freire, catedrático de Ciência Política do ISCITE-Instituto Universitário de Lisboa. "O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa é conivente com o tal berbicacho que estamos a viver por, em 2019, não ter requerido um acordo escrito fã esquerda e ao exe-

cutivo socialista], como o Bloco de Esquerda propôs e António Costa recusou", refere. E faz um *flash back* à primeira legislatura de Costa e aos tempos da "geringonça". "Cavaco Silva, a contragosto, foi factor de estabilidade ao exigir acordos escritos, mas Marcelo deixou-se enredar pela posição do PS e do PCP, em 2019, que não quiseram "papéis assinados" pasta é a mácula maior", crítica."

"Estabilidade escapou-se-lhe"

Depois de ter vencido as eleições presidenciais em todos os concelhos, portanto com um poder reforçado, o Presidente referiu na declaração de vitória que os portugueses não querem uma crise infindável, um empobrecimento agravado, um sistema político lento a responder aos novos desafios. E admitiu, sobre o seutriumfo: "O segundo mandato não é um cheque em branco."

Ninguém o acusa de tal exercício. Antes pelo contrário. "Tenho opinião desfavorável ao que ele fex à eutanásia, à Lei Orgânica de Bases de Organização das Forças Armadas", refere Antônio Barreto. "Há qualquer coisa na função presidencial que permite



Público

24-01-2022

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Pagina(s): 2.3





sido um factor de estabilidade

e moderação António Barreto

Marcelo Rebelo de Sousa é conivente com o tal berbicacho que estamos a viver

cumprir o seu dever, o seu papel, cumprir o seu dever, o seu paper, exercer o seu magistério", observa. Refere-se, naturalmente, à panóplia de meios directos e indirectos, sempre no âmbito do exercício constitucional, que permitem influenciar: "Há muitas maneiras de fazer estas iniciativas."

"Há muitas maneiras de fazer estas iniciativas."

Contudo, ressalva: "Ter um Presidente da República capaz de aprovar medidas com as quais não está 100% de acordo é um elogio", comenta o sociólogo. "No caso do Plano de Recuperação e Resillência já devia terintervindo em privado ou em público, pois ao Governo tem faltado perspectiva política e econômica de longo prazo", lamenta. Neste caso, António Barreto reforça a conviçção de que tal mesura se deve ao denodado contributo de Marcelo Rebelo de Sousa para estabilidade política.

Outro é o diapasão de André Freire. "No tiltimo ano, o Presidente da República deixou-se colar em algumas coisas ao PS, justa ou injustamente, devido à pandemia, mas esteve bem como quando vetou alguns dos debates do primeiro-ministro no Parlamento sobre os temas euro-

peus ou ao vetar o diploma sobre a exigência de um maior número de assinaturas para as petições populares irem a plenário, e mostrou independência, exemplifica o catedrático de Ciência Política. "Mas esteve mai no caso da eutanásia quando, às portas das eleições, vetou para satisfazer as suas convicções pessoais e de cató-lico, quando, na minha opinião, este diploma foi muito discutido". É, deste modo, um balanço com pontos positivos e observações negativas. us ou ao vetar o diploma sobre a

positivos e observações negativas. "A estabilidade escapou-se-lhe", observa Costa Pinto, depois da disso lução do Parlamento, a convocatória das eleições gerais antecipadas e as

das eleções gerais antecipadas e as incógnitas sobre o futuro. "Algo que tem marcado o presiden-cialismo em Portugal é, precisamen-te, os Presidentes da República serem factor de estabilidade da formação dos Governos como um elemento de continuidade", recorda.

"Pandemia é biombo"

Com a variação das sondagens, pre-ver a acção imediata após 30 de Janei-ro do Presidente da República sem conhecer as variáveis, não entusias-ma. "Marcelo Rebelo de Sousa será ma. "Marcelo Rebelo de Sousa será confrontado com esse problema partir das eleições, pode pedir acordos, mas o que está em causa é a relação do Presidente da República com o Parlamento", refere o politólogo, "A iniciativa política caberá ao partido mais votado, ao Presidente o que lhe interessa é a estabilidade política." "A hipórese mais provável é que vai haver dificuldades na formação do Governo, pelo que tudo está em aberto", antevê António Barreto. "O Presidente pode ser decisivos ed interese publicamente que que regovernos

ser publicamente que quer governos que dêem estabilidade ao país, e não só ao país, também à União Euro-

só ao país, também à União Euro-peia, ao Banco Central Europeu, aos empresários", enfatiza. "O Presiden-te da República pode ter um papel muito forte, o pior é ficar neutro, deve marcar o guião e não permitir navegação à vista."

Dito de outra forma. Marcelo deve deixar claro se quer um contrato escri-to, em caso de haver acordos interpar-tidários, que dê solidez ao executivo, se admite governos a prazo, ou se pode exigir um voto de confiança. "Estamos num momento terrivel, a pandemia tem sido um biombo para a situação portuguesa, tem ocultado a situação portuguesa, tem ocultado

os problemas", conclui.
"Tudo indica que o sistema se está
a consolidar em várias forças, o que a consolidar em várias forças, o que implica alianças e, neste ponto, o Presidente pode ter alguma influência", admite André Freire. E desenha dois cenários. "Com uma maioria de direita no Parlamento, a direita entende-se e o Presidente não tem de se mexer muito", avança. "Se houver uma maioria da esquerda em São Bento, mas não houver entendimento à esquerda, o PSD apolaria um executivo PS e o Presidente teria então um papel para a formação de um bloco central informal."

Relações Belém-São Bento

Presidente sempre presente

Nuno Ribeiro

é de hoje, basta recuar lgum tempo, para, consis entemente, o primeiro-mi-nistro, António Costa, mosar agrado político e simpa tia pessoal pelo Presidente da República. Foi isso que aconteceu em 13 de Maio de 2020, na antecâmaem 13 de Maio de 2020, na antecâmar das presidenciais em que o PS não apresentou candidatura formal ou apoio explícito, durante uma visita à Autoeuropa quando Costa prometeu lá voltar com Marcelo Rebelo de Soxa, entretanto recleito. Disse, também, que queria continuar a trabalhar com Marcelo. A candidata Ana Gomes, da familia socialista, ficou perplexa. E se o primeiro-ministro prome

teu, cumpriu. A 24 de Novembro do ano passado, numa enganadora bai-xa da pandemia, lá voltaram os dois. Nestas visitas não se falou de maioria absoluta ou vigilância da mesma por

Belém.
Pelo caminho, o Presidente da República, que em 2017 forçara a demissão da ministra da Administração Interna, Constança Urbana de Sousa, na sequência dos incêndios daquele Verão, vetou o Código de Contratação Pública do Governo.

Agora, em campanha, já por duas vezes, o secretário-geral dos socialistas refere o papel controlador do Presidente Marcelo caso os eleitores lhe dêem o apoio máximo. "Hoje em dia, maioria absoluta

não é um poder absoluto, é ter con nao e um poder absoluto, e ter con-dições para governar. Felizimente, temos um Presidente que tem todo um mandato que vai cobrir a próxi-ma legislatura, é uma pessoa de quem os portugueses gostam. Alguém acredita que com Marcelo como Presidente da República poderíamos ter uma maioria absoluta que pisasse o risco?...", disse após o deba-te televisivo com Rui Rio a 13 de Janei-

Então, pela primeira vez, assumiu o seu desejo e diz as duas "palavras mágicas": maioria absoluta. "Da oscu teesgoreuza sa tuas patavras mágicas": maioria absoluta. "Da minha parte, o que me compete dizer é o que entendo ser a melhor solução. O país precisa de estabilidade", missitu Costa, que promete "devolver ao país a tranquilidade", "Sem maioria estável, andamos de crise em crise", acrescenta. E deixa cairo tabu: "A melhor solução é ter uma maioria absoluta." No debate das rádios desta quintafeira, Costa tornou o ausente Marcelo em presente. O Presidente da República, cuja agenda passou pela obrigatória e protocolar sessão de cumprimentos de Ano Novo do corpo diplomático, voltou à balla.

po diplomático, voltou à baila. "Tal como Mário Soares impôs

"Tal como Mário Soares impôs limites la Cavaco Silval também o actual Presidente da República impo-rá limites", argumentou durante o debate num prenúncio de maioria absoluta e vigilância presidencial. "Muitas pessoas têm recelo de maioria absoluta e vigilância presidencial. Muitas pessoas têm recelo de maioria sob o mandato do actual Presi-dente. Quem acredita que com um Presidente da República como Mar-celo Rebelo de Sousa uma maioria do PS pode passar a limia?", perguntou. "Marcelo] é um constitucionalista evem de uma familia distinta", arguvem de uma família distinta", argu

"Há um bloco central presidencial "Ha um bloco central presidencial nas relações de elite dirigente do PS", comenta André Freire, referindo-se ao apoio publicamente expresso a Marcelo do presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodri-gues, e de ministros, como Augusto Santos Silva.

